

Método clínico e pesquisa-intervenção: dispositivos metodológicos em psicanálise e educação

Clinical method and Intervention research: methodological devices in psychoanalysis and education

Método clínico y investigación-intervención: dispositivos metodológicos en psicoanálisis y educación

Ludmilla Santos de Barros Camilloto¹

Margareth Diniz²

Camila Duarte Altivo³

Joatan Nunes Machado Junior⁴

Resumo

Este artigo discute os fundamentos e usos da pesquisa-intervenção orientada pela Psicanálise no campo da Educação, a partir do método clínico e de seus dispositivos metodológicos, como a conversação e as entrevistas clínicas individuais. Desenvolvido a partir da teoria e ética psicanalítica, com base no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989), argumentamos que a pesquisa não se exerce sobre sujeitos, mas com sujeitos, em um campo transferencial em que a escuta assume estatuto ético e político. No decurso do trabalho apresentamos três exemplos de pesquisas realizadas com crianças, jovens e adultos, explicitando como tais dispositivos possibilitam a emergência do discurso singular e a produção de saber em ato. Compreendemos que a pesquisa-intervenção, ao implicar pesquisador/a e participantes da pesquisa em um processo intersubjetivo, constitui um modo de investigação e produção de conhecimento no entrelaçamento entre Psicanálise e Educação.

Palavras-chave: método clínico, pesquisa-intervenção; dispositivos metodológicos; psicanálise; educação.

Abstract

This paper discusses the foundations and uses of research-intervention oriented by Psychoanalysis in the field of Education, from the clinical method and its methodological devices, such as conversation and individual clinical interviews. Developed from the psychoanalytic theory and ethics, based on the indicatory paradigm (Ginzburg, 1989), we argue that research is not conducted on subjects, but with subjects, within a transferential field in which listening assumes ethical and political status. Throughout the text, we present three examples of studies carried out with children, youth and adults, explaining how such devices enable the emergence of singular discourse and the production of knowledge in act. We understand that the intervention-research, by engaging both researcher and participants in an

¹ Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: ludmillabcamilloto@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6509-8780>

² Universidade Federal de Ouro preto – UFOP. Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: margareth@ufop.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6852-5389>

³ Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: camilaaltivo.edu@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3603-7136>

⁴ Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Ouro Preto/MG, Brasil. E-mail: joatanmj@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7814-3106>

intersubjective process, constitutes a mode of investigation and knowledge production at the intersection of Psychoanalysis and Education.

Keywords: clinical method; intervention-research; methodological devices; psychoanalysis; education.

Resumen

Este texto discute los fundamentos y usos de la investigación-intervención orientada por el Psicoanálisis en el campo de la Educación, a partir del método clínico y sus dispositivos metodológicos, como la conversación y las entrevistas clínicas individuales. Desarrollado desde la teoría y la ética psicoanalítica, y con base en el paradigma indiciario (Ginzburg, 1989), argumentamos que la investigación no se ejerce sobre sujetos, sino con sujetos, en un campo transferencial en el que la escucha asume estatuto ético y político. En el transcurso del trabajo presentamos tres ejemplos de investigaciones realizadas con niños, jóvenes y adultos, explicitando como tales dispositivos posibilitan la emergencia del discurso singular y la producción de saber en acto. Entendemos que la investigación-intervención, al implicar a la persona investigadora como a los/las participantes de la investigación en un proceso intersubjetivo, constituye un modo de investigación y producción de conocimiento en el entrelazamiento entre Psicoanálisis y Educación.

Palabras clave: método clínico; investigación-intervención; dispositivos metodológicos; psicoanálisis; educación.

Delimitando conceitos

Na confluência entre a Psicanálise e Educação, a escuta adquire um estatuto ético e político, mais do que qualquer funcionalidade de ordem técnica. Não se trata de conceder voz aos sujeitos, como se esta lhes fosse ausente, mas de instaurar condições discursivas nas quais algo da fala, atravessada pelo inconsciente, possa emergir e produzir efeitos. A aposta em dispositivos clínico-políticos de escuta, como os dispositivos apresentados neste trabalho, desloca a pesquisa do paradigma da representação, centrado na descrição objetiva do sujeito para o da implicação, que alude à presença do/a pesquisador/a em um campo transferencial.

O nosso objetivo neste trabalho é apresentar e conceituar, de forma sistematizada, os dispositivos metodológicos que temos utilizado em pesquisas de Mestrado e Doutorado desenvolvidas no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob orientação da Profa. Dra. Margareth Diniz. As escolhas metodológicas já enunciam o paradigma e os referenciais teóricos a partir dos quais as pesquisas aqui apresentadas foram ou estão sendo desenvolvidas. Situadas no campo psicanalítico em diálogo com outros campos epistemológicos, as pesquisas-intervenção

advém do método clínico (DINIZ, 2005; 2011; 2018), utilizando o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), adotando como dispositivos metodológicos a conversação e as entrevistas individuais clínicas, seja na pesquisa com crianças, jovens ou adultos⁵.

A pesquisa em Psicanálise, bem como pontuou Tânia Ferreira (2018) se orienta pela “douta ignorância”, ao deixar cair saberes absolutos ou preconcebidos sobre determinado tema e se abrir para um saber que poderá ser produzido no encontro entre pesquisador/a e sujeitos colaboradoras/es.

Para aproximar o/a pesquisador/a de seu objeto, utilizamos na investigação, tal como propôs o historiador italiano, Carlo Ginzburg (1989), “pistas”, “emblemas”, “sinais” e “indícios”, como possibilidade de se acessar o inconsciente por meio desses materiais que provocam fissuras no discurso. O paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989) tem inspiração nos trabalhos de Sherlock Holmes, Charles S. Peirce, C. Auguste Dupin e Freud (DINIZ, 2018), de tal forma que uma disciplina como a Psicanálise vale-se desse paradigma, uma vez que ela se constitui por meio de hipóteses de que por mais insignificantes e negligenciáveis que elas possam parecer, revelam fenômenos de uma realidade psíquica, o inconsciente, que não poderia ser abordado, senão de outra maneira (GINZBURG, 1989).

É nesse horizonte que se inscreve a pesquisa-intervenção, compreendida como um modo de produção de saber em ato, em que o saber não ocupa o lugar de origem, mas de efeito. Longe de pressupor um sujeito transparente a si mesmo ou um/a pesquisador/a imune às implicações do campo, a pesquisa-intervenção exige a sustentação de um não-saber fundamental, condição mesma para a emergência do inédito. Assim, em uma pesquisa implicada, sempre há em um primeiro momento um atravessamento pessoal, responsável por disparar a pergunta que “ao fim e ao cabo é um acerto de contas com o passado”, ainda que o/a pesquisador/a não se dê conta no momento em que ele elabora conscientemente a questão.

A pesquisa-intervenção, desse modo, configura-se como um método de investigação que acolhe distintas abordagens teóricas e que “descortina um modo de fazer pesquisa fecundo da sua articulação entre o que se investiga e como se investiga”, propondo “re-pensar os modelos canônicos de pesquisa baseados em uma distância entre pesquisador e pesquisado

⁵ As três pesquisas aqui descritas são exemplificativas e não exaustivas daquelas já desenvolvidas no contexto do referido Programa, utilizando o método clínico como referencial metodológico. Destacamos que os quatro coautores que assinam esse texto, além de participarem da Rede Mineira de Pesquisa em Educação, também compõem o Grupo de Pesquisa e Extensão Caleidoscópio (CNPQ/UFOP) e integram o Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais (LEPSI – MG).

e em um controle do processo de pesquisa a partir da centralidade dada à posição do pesquisador” (CASTRO; BESSET, 2008, p. 11). Muito recorrente nos estudos em Psicologia e em Psicanálise voltados à infância e à adolescência, esse tipo de investigação valoriza a produção de conhecimento *com* crianças e adolescentes — e não *sobre* eles —, deslocando o pesquisador do lugar de intérprete exclusivo da realidade.

Nessa mesma direção, Portugal (2008, p. 18) destaca que, ao constituir um campo no qual o sujeito pesquisado assume voz e agência, há uma transformação profunda na prática investigativa, que se afirma como uma escolha política frente às formas de dominação às quais as práticas acadêmicas também podem se associar. Assim, a pesquisa-intervenção demanda do/a pesquisador/a uma postura ética e politicamente implicada, reconhecendo que suas decisões no percurso investigativo são atravessadas por posicionamentos e não podem ser consideradas neutras ou desinteressadas (CASTRO; BESSET, 2008, p. 11).

Em vista disso, o/a pesquisador/a produz a partir de uma modalidade de investigação que não se exerce sobre sujeitos, mas com sujeitos, em um campo de co-presença atravessado por silêncios, tropeços, restos e lapsos, anunciada pelo inconsciente. Nesse contexto, não há busca por um sentido fechado ou pelo esclarecimento imediato de conteúdos, mas por uma escuta que se faz nas brechas, nas fissuras do discurso, naquele fio tênue em que o dizer vacila, e justamente por isso, possibilita que algo da verdade subjetiva se apresente. É nesse inter-valo de indeterminação, que resiste à captura pelo saber instituído.

O método clínico de inspiração psicanalítica, leva em consideração o que a Psicanálise pode oferecer enquanto epistemologia e método, ao ter em conta que o/a pesquisador/a é parte de seu objeto de pesquisa. Margareth Diniz conceituou o método clínico como o exercício da/o pesquisadora/pesquisador se colocar em duas posições: “uma em que há mistura com o objeto de estudo e uma outra posição em que observamos como ocorreu essa mistura, buscando descrevê-la objetivamente e não a escamoteando” (DINIZ, 2018, p. 114). A possibilidade de operar com esse método de investigação permite levar em consideração que em uma pesquisa só é possível apreender o objeto de forma parcial, sendo necessário lidar com a falta e com as incompletudes. Esse método pressupõe um sujeito dividido, e para se ter acesso ao sujeito do inconsciente, leva-se em conta a implicação e os processos de transferência/resistência, ocasionando como efeitos as chamadas zonas cegas (DINIZ, 2018). Embora a nomenclatura possa conduzir a interpretações equivocadas sobre o método clínico, ele não se confunde com o processo terapêutico em si, ou ainda com práticas clínicas próprias

do campo da medicina:

[...] ressaltamos que toda a pesquisa em psicanálise é uma pesquisa clínica, não no sentido de utilizar o espaço do setting, mas por considerar a premissa de que as produções do inconsciente, estejam em um espaço terapêutico ou não, são passíveis de investigação. A pesquisa em psicanálise tem norteadores que são os mesmos postulados para o exercício clínico, pois se trata da construção de um campo de experiência no qual os fundamentos epistêmicos e metodológicos não são diversos daqueles que sustentam a ética em questão, a ética da psicanálise (DINIZ; PEREIRA, 2020, p. 95).

Considerando o método clínico, o/a pesquisador/a não ocupa o lugar daquele que sabe, mas daquele que se autoriza por sua presença e por sua escuta, sustentando o campo de indeterminação que permite ao sujeito, que se puder, se quiser, escute seu próprio discurso. É justamente nesse ponto que a pesquisa se converte em ato ético, quando desloca o sujeito da posição de objeto de análise para a de enunciação, implicando-o naquilo que diz ou cala.

Além das três pesquisas descritas no presente texto, o método clínico e o paradigma indiciário, vem sendo utilizado em outras pesquisas no campo da educação, tais como Santos, (1991), Diniz (2005), Ferraz (2013), Pelegrini (2016), Penna (2017) Araújo (2018), Lopes (2023) e utilizam diversos dispositivos de intervenção visando disparar a fala e o discurso, dentre esses dispositivos, a *Conversação* e a *Entrevista Individual Clínica*.

A *Conversação*, sugerida por Jacques-Alain Miller e definida como associação livre coletivizada (MILLER, 2005), é um dispositivo que permite o aparecimento de questões inéditas, imprevisíveis e surpreendentes. Ancorada nas elaborações freudo-lacanianas, a conversação escapa ao ideal de neutralidade científica e se inscreve na tensão entre o sujeito do inconsciente e os discursos que o atravessam. Santiago pontuou:

A conversação se faz de instrumento de intervenção, pois (...) cultiva a arte de falar entre pares, promove o agir na direção de uma abertura para o mundo, para novas ideias, ou à invenção de algo que convenha a cada sujeito. Privilegia-se a enunciação que, coletivizada pelos participantes, se mostra capaz de produzir, de maneira inédita, um efeito de saber (SANTIAGO, 2008, p. 122).

Diferentemente de formatos como a entrevista semiestruturada ou a roda de conversa, muitas vezes organizados segundo uma lógica diretiva e temática, a conversação funda-se em uma ética do não-saber, abrindo espaço para que o discurso se desloque e algo do sujeito possa se enunciar. Ao ser mobilizada com crianças, adolescentes e jovens, essa metodologia

exige uma abertura ao inusitado e à não-domesticação do discurso. Conforme elucidam Diniz e Pereira (2020, p. 94), a “conversação tem como objetivo o convite para cada um se autorizar como sujeito”, de maneira que nessa modalidade, “nenhum participante ocupa lugar de mestre, o que permite que a palavra circule, favorecendo uma série de associações livres”.

Aqui, a relação com cada uma das pessoas que disponibilizam seu tempo e aceitam compartilhar livremente as suas vivências, abrindo-se para uma conversa, onde podem associar livremente os seus pensamentos, de forma que os conteúdos conscientes e inconscientes do discurso singular de cada uma/um se fazem presentes, organiza o segundo movimento da Conversação.

Outro dispositivo metodológico baseado no método clínico são entrevistas individuais de orientação clínica (PEREIRA, 2020), utilizadas isoladamente ou paralelamente à realização de oficinas ou rodas de conversa, de orientação psicanalítica e que permitem uma escuta mais atenta do sujeito participante da pesquisa sem as interferências do coletivo. As entrevistas, que se diferem de um modelo de entrevista estruturada ou semiestruturada, oferecem um espaço de fala e escuta no qual a subjetividade pode emergir. Na concepção de Pereira (2020, p. 56), “não há como desconhecer a intencionalidade emancipatória de uma hermenêutica que a Psicanálise nos legou ao possibilitar uma elaboração de si tanto por parte de quem fala quanto de quem escuta”. Ferreira (2018, p. 139) esclarece que, da mesma maneira que as Conversações, o ponto de partida também nesse dispositivo das entrevistas clínicas é considerar a regra fundamental da psicanálise: a associação livre. Ou seja, orienta-se não pelo saber do/a pesquisador/a, mas pela palavra do sujeito, mas, na pesquisa, se diferencia da entrevista na clínica psicanalítica uma vez que ela a primeira “não visa ao sintoma, tampouco à construção fantasmática do sujeito” (FERREIRA, 2008, p. 139). Em suma, como dispositivo metodológico na pesquisa-intervenção, a entrevista individual clínica:

[...] visa, como em uma entrevista na clínica, não somente constatar, mas oferecer a palavra para que aquele que fala possa, ele mesmo, ser tocado pelos efeitos do seu dizer, ora apropriando-se dele, ora afastando-se, tomando distância da palavra do outro, ora localizando-se e posicionando-se de um novo modo frente ao seu dizer, seja porque a fala é endereçada, seja pelos efeitos da intervenção (FERREIRA, 2008, p. 139).

Este artigo avento, assim, uma reflexão metodológica sobre o método clínico e seus dispositivos no trabalho com crianças, jovens e adultos em contextos educativos, interrogando seus fundamentos, alcances e efeitos quando articulado à ética da psicanálise.

Uma pesquisa-intervenção com crianças

A tese de Doutorado em Educação de Ludmilla Santos de Barros Camilloto, intitulada “Branquitude e Negritude em cena: efeitos na constituição da subjetividade de crianças a partir da identificação com personagens de cinema”, exemplifica uma pesquisa-intervenção com crianças. Inserida no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e orientada pelo método clínico (DINIZ, 2011; 2018), a pesquisa incluiu como dispositivos metodológicos oficinas e entrevistas individuais de orientação clínica com crianças da Educação Infantil (1º e 2º períodos) de uma escola pública da cidade de Mariana – MG.

A pergunta central da pesquisa foi se e de que modo a presença de protagonistas negros em produções cinematográficas com representações positivadas da negritude, de seus corpos, existência e cultura, poderia exercer uma função catalisadora nos processos identificatórios das crianças, contribuindo para a elaboração subjetiva das questões raciais. O objetivo principal da tese foi analisar a centralidade da branquitude nas representações cinematográficas selecionadas e suas implicações na constituição da subjetividade infantil, considerando a presença significativa de personagens brancos disponíveis como espelhos identificatórios e a pouca oferta de modelos positivos de identificação com a negritude nesse universo.

O trabalho pretendeu investigar de que maneira crianças constroem significados em torno das categorias raciais ao se relacionarem com personagens negros e brancos do universo cinematográfico e como essas construções simbólicas operam em seus processos de subjetivação, em dimensões como a identificação racial — tanto em relação a si quanto aos outros —, a percepção corporal, a autoimagem, as escolhas, os vínculos identificatórios e as preferências estéticas.

Diante da amplitude de aspectos presentes tanto na questão inicial quanto nos objetivos delineados, a investigação adotou uma perspectiva multidisciplinar e fundamentada na noção de hibridez (AYOUC, 2019), articulando à Psicanálise referenciais teóricos e metodológicos provenientes de outros três campos epistemológicos: os Estudos Étnico-Raciais — incluindo a Teoria Crítica da Raça e os Estudos Críticos da Branquitude —; os Estudos Culturais, com ênfase no cinema, nas representações culturais e nos estereótipos associados à negritude; e a Educação, no âmbito da Educação Antirracista e da implementação da Lei 10.639/03.

A partir dos encontros realizados com vinte e duas crianças negras e brancas, com idades entre quatro e seis anos, foi possível acompanhar indícios, pistas e traços da influência das representações culturais da negritude e da branquitude na constituição da subjetividade infantil e na construção de modelos de identificação. A metodologia adotada buscou privilegiar a escuta direta das crianças, observando como compreendiam a si mesmas e aos outros a partir do marcador racial — por meio de processos de auto e heteroidentificação — e os significantes que mobilizaram para se nomearem. Também investigou como elas se relacionavam com as representações presentes nos filmes selecionados, especialmente no que diz respeito a características como cor da pele e cabelo, e de que forma negociavam sentidos sobre o que significa ser uma pessoa branca ou negra no contexto de uma sociedade estruturalmente marcada pelo racismo, utilizando personagens cinematográficos do universo infanto-juvenil e outros materiais pedagógicos como mediadores dessas interações.

Uma pesquisa-intervenção realizada com crianças no campo da educação, que adota o método clínico orientado pela Psicanálise, sustenta alguns princípios específicos no decurso do processo investigatório, começando pela compreensão da criança como sujeito no dispositivo da pesquisa, conforme dispõe Lucia Rabello de Castro (2008, p. 27). A autora explica que a criança é “agente e detentora de um saber prático sobre o que é ser criança”, estando “legitimadas e mais bem posicionadas para falar sobre suas próprias experiências” (CASTRO, 2008, p. 27).

Embora não tenha como finalidade a intervenção terapêutica, a pesquisa orientada pelo método clínico também se guia pelo discurso do sujeito. Como destacam Margareth Diniz e Ricardo Pereira (2020), “a pesquisa clínica por excelência abarca necessariamente a escuta em sua dimensão de quem enuncia e do que se enuncia”, atentando-se, ainda, às dinâmicas transferenciais, às resistências presentes, à implicação do pesquisador e aos processos de transmissão psíquica. Diferentemente dos modelos convencionais de produção de conhecimento científico, o método clínico reconhece e valoriza os atravessamentos subjetivos que se manifestam no campo da pesquisa. Essa perspectiva inclui a consideração da trajetória pessoal do/a pesquisador/a, que assume uma escrita autoral — frequentemente em primeira pessoa — na qual são incluídos, de forma ética e reflexiva, os impasses, as falhas, as pausas e os desvios que ocorrem ao longo do processo investigativo.

Com base nessa perspectiva, foi possível articular elementos do método clínico psicanalítico ao campo da Educação, tendo a escuta das crianças participantes como eixo

central, sem, contudo, pretender interpretar formações do inconsciente em sentido estrito. O objetivo foi identificar traços, sinais e indícios que indicassem relação com processos identificatórios das crianças e com suas elaborações sobre os marcadores raciais. Partiu-se da hipótese de que uma pesquisa-intervenção orientada por essa abordagem teórico-metodológica poderia favorecer deslocamentos subjetivos e abrir espaço para a simbolização de vivências relacionadas à racialidade.

Nas diversas oportunidades de encontros com as crianças foi possível ampliar a oferta de modelos identificatórios positivados, distintos daqueles comumente difundidos em produções cinematográficas marcadas pela sub-representação ou pela representação estigmatizada da negritude. É importante, todavia, salientar, que, em se tratando de identificação, um processo eminentemente inconsciente, não há garantias de eficácia nem determinismos possíveis no funcionamento psíquico de cada sujeito. Do mesmo modo, os processos identificatórios escapam ao controle do/a pesquisador/a, pois não resultam de um simples contato direto com o outro, mas são mobilizados por múltiplos elementos — traços — que não se deixam antecipar. A apresentação de novos referenciais identificatórios se configura, portanto, como uma oportunidade: uma abertura para que as crianças se vejam refletidas em outras imagens possíveis. O modo como cada uma responderá a essa oferta, contudo, pertence à singularidade de sua experiência subjetiva. Aí reside a aposta da pesquisa-intervenção.

Uma pesquisa-intervenção com jovens

Há encontros que nos convocam, se impõem à revelia de qualquer planificação, irrompendo de modo inesperado e nos atravessam, instaurando a necessidade de uma escuta, não capturada pela lógica da resposta imediata, mas sustentada na aposta no inédito do dizer. É nesse gesto ético, que se ancora na radicalidade da palavra do sujeito, que se inscreve a pesquisa-intervenção aqui delineada, orientada pelo dispositivo da conversação. A investigação, conduzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP Duarte Altivo, tem como horizonte a interrogação acerca das modalidades pelas quais o mal-estar na atualidade, índice do impasse civilizatório pós-moderno, incide sobre a experiência de jovens universitários.

Cabe destacar, que os objetivos da investigação, definiu-se como recorte empírico os cursos de licenciatura vinculados ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, localizado no município de Mariana, Minas Gerais (MG). Nesse sentido, a pesquisa voltou-se especificamente para discentes em fase final da graduação, etapa em que o percurso formativo já se encontra marcado por múltiplas experiências acadêmicas e pedagógicas, como estágios, participação em projetos institucionais e inserção em práticas educativas, bem como atravessamentos do corte causado pela pandemia da Covid-19. A ênfase nesse grupo justifica-se pela pertinência de captar percepções atravessadas não apenas pela experiência cotidiana da universidade, como também pelas expectativas e inquietações diante da iminência da inserção profissional. Desse modo, buscou-se apreender narrativas que, por condensarem momentos de conclusão e de transição, assim como uma diversidade no que tange às diferenças para a análise das condições de formação docente e do mal-estar que perpassa a experiência universitária.

Considerando-se o esvaziamento progressivo da função universitária e a proliferação dos discursos performativos, medicalizantes e normativos que nela circulam, buscou-se compreender de que forma tais estudantes elaboram, resistem ou sucumbem ou se deixam capturar por esse mal-estar que atravessa o laço social na atualidade. O método clínico, balizado pela ética da Psicanálise, sustenta o dispositivo, não em direção a diagnósticos ou prescrições pedagógicas, mas como espaço de enunciação da singularidade. O recurso à conversação, compreendida não como entrevista, mas como campo de associação livre coletivizada (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2006), possibilitou a circulação do dizer, instaurando ressonâncias, deslocamentos e emergências de sentido.

Os encontros eram precipitados por elementos disparadores, frases, recortes fílmicos, interrogações, restos de encontros anteriores, que operavam como brechas, fendas por onde o sujeito pudesse escapar à captura do discurso instituído. Nesses interstícios, nas frestas e filigranas do dizer, a intervenção se fazia, sustentando o campo de enunciação sem dirigir-lhe o curso. A pesquisa, assim, não se configura como técnica de coleta, mas como experiência de abertura ao imprevisto, ao equívoco, ao mal-entendido e à invenção. Trata-se, pois, de uma escuta que se recusa à neutralidade asséptica ou à submissão aos imperativos institucionalizantes. Ao contrário, ela reconhece a implicação do pesquisador, seu lugar de sujeito afetado, marcado por deslocamentos e atravessamentos, assumindo uma posição ética que narra impasses, desvios e invenções produzidas no próprio percurso investigativo. Longe

de qualquer horizonte terapêutico ou prescritivo, a aposta se dá na conversação como campo de produção de saber e de deslocamentos subjetivos, no qual a palavra pode operar efeitos de descentramento, abrindo ao sujeito a possibilidade de reinscrever seu mal-estar.

À vista disso, a escolha da universidade como *locus* da pesquisa não é contingente. Em um tempo histórico atravessado por múltiplos colapsos, políticos, ambientais, econômicos e sobretudo subjetivos, a instituição universitária já não opera como promessa de futuro. Como adverte Marcelo Ricardo Pereira (2024), vivemos sob a égide de uma tanatomania pós-moderna, o excesso de gozo, de performance, de imagens e de conexões digitais suspende a possibilidade de vir-a-ser. O futuro, tal como outrora concebido, encontra-se eclipsado, e os jovens se veem no epicentro dessa crise, testemunhando, em seus corpos e discursos, o esgotamento de existir em um mundo saturado pela urgência do desempenho.

No entanto, esse mal-estar não se apresenta de modo explícito. Ele se insinua nas evasões, nos sintomas clínicos, nos discursos de fracasso, nos gestos de desinvestimento subjetivo. É nesse cenário que a conversação opera como contraponto, desacelera, sustenta o tempo do dizer, resiste à captura diagnóstica. Os encontros fizeram emergir tanto a densidade do sofrimento, solidão, insegurança, medo do futuro, colapso de sentido, quanto lampejos de desejo, tentativas de laço e invenções singulares. As transcrições, examinadas atentamente, buscaram recolher não o já-dito, mas o que resta, o que se repete, o que insiste em fissura. Enfim, o dispositivo da conversação, tal como aqui operado, não é neutro nem meramente técnico, ele é ético e político. Ele se inscreve na tradição psicanalítica como campo de palavra, em que o sujeito pode, ainda que a *posteriori*, encontrar deslocamentos e efeitos imprevistos.

Uma pesquisa-intervenção com adultos

Levando em consideração a afirmação da psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (2020), de que “racista somos todos”, a presente pesquisa adota a conversação como metodologia central. Partimos do entendimento de que o racismo é parte estruturante do cotidiano social brasileiro e que, para combatê-lo, é preciso reconhecer suas múltiplas formas de manifestação. Nesse sentido, a metáfora criada por Arísia Barros (2011), ao descrever o racismo como um “camaleão poliglota” — capaz de se camuflar e se adaptar para perpetuar

desigualdades — é fundamental para compreender a complexidade do problema. Entre os meios mais eficazes de sufocar esse “camaleão”, está a educação.

É nessa perspectiva que se insere a pesquisa-intervenção conduzida pelo doutorando em Educação, Joatan Nunes Machado Junior, na Universidade Federal de Ouro Preto. O estudo busca compreender em que momento a subjetividade docente se abriu para adensar as discussões étnico-raciais, em consonância com a obrigatoriedade da Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, para incluir o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares.

Consideramos que o racismo precisa ser desconstruído para que outros conhecimentos, historicamente não brancos, façam parte da realidade do professor e de sua prática pedagógica. A educação, como defende Paulo Freire (1970), precisa e deve ser libertadora. É em busca dessa educação emancipadora que as conversações acontecerão, junto ao corpo docente de uma escola do Espírito Santo, onde os índices de implementação da Lei, segundo a Secretaria Estadual de Educação, superam a média das demais escolas da rede.

Participarão desta pesquisa vinte docentes da educação básica. As conversações terão como objetivo central compreender de que forma esses profissionais atingiram o objetivo de implementação da Lei nº 10.639/2003, identificando quais vieses subjetivos foram mobilizados no processo de reconhecimento e enfrentamento do racismo, bem como as estratégias adotadas para a construção de uma prática pedagógica antirracista.

O dispositivo de conversação, como destaca Diniz (2011b), “constitui-se em uma estratégia de intervenção que possibilita a emergência da palavra, permitindo que o sujeito fale de seu mal-estar e, assim, possa produzir deslocamentos subjetivos”. Ao criar espaços coletivos de fala e escuta, conforme propõe Diniz (2012), é possível “costurar os retalhos e preencher lacunas na formação docente para a diversidade”, fortalecendo uma prática pedagógica comprometida com a equidade racial e com a valorização de saberes historicamente silenciados.

Embora a existência de uma legislação seja um marco importante, compreendemos que apenas a lei não garante, por si só, a efetividade de uma política pública. No caso da Lei 10.639/03, essa constatação é ainda mais evidente, dado o tempo decorrido desde sua promulgação e as dificuldades que persistem na abordagem de temas relacionados à população afrodescendente. Por isso, torna-se necessário compreender como o docente elabora sua compreensão sobre o racismo e, a partir dela, constrói práticas e atitudes

antirracistas. Acreditamos que, por meio desta pesquisa, poderemos abrir mais um caminho para enfraquecer — e, idealmente, aniquilar — esse mal que afeta a maioria da população brasileira, contribuindo para uma educação verdadeiramente equânime.

Considerações finais

Portanto, a proposta deste trabalho teve como objetivo refletir sobre as condições de possibilidade para a realização de pesquisas-intervenção com diferentes grupos, crianças, jovens e adultos, utilizando o método clínico de orientação psicanalítica, a partir da conversação e da entrevista individual de orientação clínica, concebidas como dispositivos teórico-metodológicos eticamente sustentados. Ressalta-se que esse método não se confunde com psicoterapia ou análise. Trata-se de uma abordagem de pesquisa que toma como ponto de partida o discurso do sujeito, atravessado por dimensões conscientes e inconscientes, e que não possui finalidade terapêutica (DINIZ, 2018), ainda que possa produzir efeitos terapêuticos, sempre recolhidos um a um.

Cabe destacar que os efeitos produzidos pela pesquisa não se manifestam de forma imediata, inscrevendo-se ao contrário, a *posteriori*, no tempo lógico da subjetivação. Esses efeitos podem ser acessados por meio de narrativas autorais e do exercício da memória, particularmente quando da evocação de experiências passadas. Ao serem relatadas, tais experiências configuram-se como instâncias de produção de saber, na medida em que, conforme Larrosa (2015), possibilitam a criação de novos arranjos, a formulação de novos operadores e a invenção de modos inéditos de ser e fazer.

Dessa maneira, a pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica reafirma-se como um campo epistemológico e metodológico fértil para a produção de saberes que escapam à lógica da captura e da domesticação do discurso. Ao privilegiar o encontro e a implicação mútua, ela convoca o/a pesquisador/a a sustentar a produção de um saber autoral, em sua dissertação ou tese, bem como um espaço em que a palavra possa surgir na sua singularidade e potência criadora. É nesse movimento, sempre aberto e inacabado, que reside sua força: não a de encerrar sentidos, mas a de fazer emergir novas perguntas, mantendo vivo o desejo de escutar e de aprender com aqueles que generosamente compartilham suas experiências visando a produção de saberes outros.

Referências

ARAÚJO, Arthur Medrado Soares. **Olhares (im)possíveis: desenvolvimento e aplicação de metodologia para a escuta do indizível com crianças da periferia de Ouro Preto**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2018.

AYOUC, Thamy. **Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações**. 1. ed. Curitiba: Calligraphie, 2019.

BARROS, Arísia. **O Racismo é um Camaleão Poliglota – Crônicas de Palmares**. Brasília: Editora Ética, 2011.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 2003. **Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino**. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CAMILLOTO, Ludmilla Santos de Barros. **Branquitude e negritude em cena: efeitos na constituição da subjetividade de crianças a partir da identificação com personagens de cinema**. 2024. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.

CASTRO, Lucia Rabello de. Conhecer, transformar(-se) e aprender. Pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

DINIZ, Margareth. **O método clínico na investigação da relação com o saber para quem ensina: a tensão entre conhecer e saber**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte, 2005.

DINIZ, Margareth. O método clínico e sua utilização na pesquisa. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 120, p. 9-21, maio 2011a.

DINIZ, Margareth et al. A conversação e a intervenção sobre o mal-estar docente e o abuso sexual infantil. In: LEPSI IP/FE-USP. **O declínio dos saberes e o mercado do gozo**. Ano 8. São Paulo: FE-USP, 2011b.

DINIZ, Margareth. Traços, lacunas e retalhos na formação docente para a diversidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 131, abr. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11853>. Acesso em: 15 ago. 2025.

DINIZ, Margareth. (O)a pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (Orgs.). **Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita**. Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.9, n.1, e-1104, 2025.

1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DINIZ, Margareth; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A presença da Psicanálise na universidade: pesquisa e dispositivos para a formação docente. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 84-101, out./dez. 2020.

FERRAZ, Cláudia Itaborahy. **A mulher professora e seus tropeços diante da diferença**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

FERREIRA, Tânia. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como oferta de palavra - a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (Orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOPES, Lucas Eduardo Souza Assunção. **Pode um corpo transviado lecionar?**. 2023. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP, Mariana, 2023.

MILLER, Jacques-Alain et alli. **La pareja e el amor: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005. p.15-20

MIRANDA, Margarete Parreira, VASCONCELOS, Renata Nunes e SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. In: **PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO**, 6., 2006, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100060&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 21 Jul. 2025

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Entrevista com a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira. **APPOA**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/educacao/347/entrevista_com_a_psicanalista_isildinha_baptista_nogueira/1533. Acesso em: 15 ago. 2025.

PELEGRINI, Natália Goulart. **Esbarrar no texto, esbarrar na vida: escrita feminina como experiência e invenção para a formação docente**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP, Mariana, 2016.

PENNA, Olga Ferreira e. **Como é ser adolescente?: sobre adolescência e seu(s) nós**. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP, Mariana, 2017.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço/Fapemig, 2016.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. In: VOLTOLINI, Rinaldo; GURSKI, Rose (Orgs.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Como será viver sem futuro?. **Revista Cult**, São Paulo, n. 312, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/como-sera-viver-sem-futuro/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PORTUGAL, Francisco Teixeira. A pesquisa-intervenção e o diálogo com agentes sociais. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

SANTIAGO, Ana Lydia. O mal-estar na educação e a conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em psicanálise e educação. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

SANTOS, Eloisa Helena. **Le savoir en travail: L'expérience de développement technologique par les travailleurs d'une industrie brésilienne**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Paris VIII, 1991.

Recebido: agosto/2025.

Aceito: setembro/2025.

Publicado: novembro/2025.